

# A “CONTRACOLONIZAÇÃO” DO PENSAMENTO: A PLURIDIVERSIDADE DOS SABERES

Heloísa Maria Launé Feitosa<sup>1</sup>; Rosa Lídia Monteiro Portela<sup>2</sup>; Sarah Damaris Pereira Campos<sup>3</sup>; Ana Carusa Pires Araujo<sup>4</sup>; Franklin Lopes Silva<sup>5</sup>; Vicente Juciê Sobreira Júnior<sup>6</sup>;

## Resumo

O presente projeto discutiu a “contracolonização” como prática ativa de resistência, não apenas como contraposição à colonização, mas também como uma revalorização de culturas e epistemologias ancestrais. Com o objetivo de desconstruir ideias e preconceitos de base eurocêntrica, o projeto promoveu reflexões sobre racismo, preconceito, apagamento e desigualdades — temas que ainda afetam, de maneira significativa e direta, comunidades periféricas, indígenas, negras e historicamente subalternizadas. Essas reflexões foram desenvolvidas por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, cujo propósito foi construir uma linha de estudos fundamentada em saberes e epistemologias à margem da tradição acadêmica eurocêntrica, apresentando uma possibilidade de contraponto à herança colonizadora do pensamento e ampliando ideias e vozes de sujeitos e comunidades. Buscou-se compreender categorias e conceitos pertencentes a epistemologias anti-hegemônicas, ultrapassando as fronteiras da academia e contribuindo para intervenções teórico-políticas. Visando valorizar a leitura crítica e a escrita reflexiva, as reuniões ocorreram periodicamente e de forma presencial, proporcionando aos envolvidos uma nova visão social, desconstruindo perspectivas hegemônicas e ampliando o pensamento para abordagens plurais. Os resultados evidenciaram transformações perceptíveis na maneira de perceber e compreender a sociedade como um todo, incentivando os participantes a questionarem os pilares da estrutura social forjada pelo colonialismo.

**Palavras-chave:** Eurocentrismo. Invisibilidade. Contracolonização.

O projeto de pesquisa foi financiado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.

## Introdução

A história do pensamento tem sido construída, de forma hegemônica, a partir de perspectivas eurocêntricas, o que marginaliza saberes e experiências diferentes das narrativas dominantes. Esse processo impõe um conhecimento colonizado, enraíza hierarquias epistemicidas e subjulga a diversidade de vozes, possibilidades de

---

<sup>1</sup> Estudante bolsista do Curso de Administração do IFMA - Campus Avançado Rosário; E-mail: [heloisamariaaunefeitosa@gmail.com](mailto:heloisamariaaunefeitosa@gmail.com)

<sup>2</sup> Estudante voluntária do Curso de Administração do IFMA - Campus Avançado Rosário; E-mail: [rosalidiamonteiro37@gmail.com](mailto:rosalidiamonteiro37@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante voluntária do Curso de Administração do IFMA - Campus Avançado Rosário; E-mail: [saraahdamares4568@gmail.com](mailto:saraahdamares4568@gmail.com)

<sup>4</sup> Professora Mestra do IFMA - Campus Avançado Rosário; E-mail: [ana.carusa@ifma.edu.br](mailto:ana.carusa@ifma.edu.br)

<sup>5</sup> Professor Doutor do IFMA - Campus Avançado Rosário E-mail: [franklin.silva@ifma.edu.br](mailto:franklin.silva@ifma.edu.br)

<sup>6</sup> Professor-orientador e Mestre do IFMA - Campus Avançado Rosário; E-mail: [vicente.sobreira@ifma.edu.br](mailto:vicente.sobreira@ifma.edu.br)

conhecimento e formas de compreensão da realidade e do mundo. Diante disso, e reconhecendo a necessidade de ampliar os espaços de circulação de ideias, surgiu a proposta desta pesquisa, que desafia as estruturas coloniais históricas e propõe uma análise crítica e reflexiva, com o objetivo de dar visibilidade às vozes e aos saberes historicamente subalternizados.

Essa ampliação de espaços e de vozes remete também à “história a contrapelo”, mencionada por Walter Benjamin (2019) em suas Teses sobre o conceito de história, em que o autor propõe “escovar a contrapelo” a história contada pelos vencedores, construindo narrativas a partir das experiências dos vencidos, dos oprimidos, “dos de baixo”.

Na esteira da “história a contrapelo”, a proposta de iniciação científica construiu uma linha de pesquisa baseada em saberes e epistemologias anti-hegemônicas, buscando compreender aspectos da colonização sob um horizonte descolonizador e amplificar vozes, ideias, conceitos e categorias distintas, pertencentes a sujeitos historicamente lançados à margem da visão eurocêntrica. Dessa maneira, fomos além da análise das consequências dos processos colonizadores, apresentando também cenários emancipatórios de intervenções intelectuais e políticas por meio das reflexões de autores e autoras como Aimé Césaire (2010), Domenico Losurdo (2020), Frantz Fanon (2022), Lélia Gonzalez (2020), bell hooks (2019), Ailton Krenak (2020), Antonio Bispo (2023), entre outros, convergindo em uma pluridiversidade de ideias.

O estudo surgiu da necessidade de abordar possíveis lacunas epistemológicas e estruturais presentes no campo acadêmico, ou, como denomina Boaventura de Sousa Santos (2022), um “epistemicídio”. De acordo com o autor, trata-se não apenas de uma forma de subjugação dos saberes e epistemologias fora do eixo eurocêntrico, mas também de um processo de inferiorização de outros sujeitos, povos e costumes, que justifica a violência colonial e estabelece mecanismos de dominação ideológicos, culturais, políticos e econômicos mais eficazes sobre países pertencentes aos eixos periféricos do mundo, bem como sobre sujeitos historicamente excluídos e dizimados, como povos originários, comunidades quilombolas, minorias étnicas, mulheres, pessoas negras, entre outros.

Em suma, a importância da pesquisa justifica-se não apenas por uma questão acadêmica, mas também por uma necessidade e um dever social de reconhecimento e respeito a outros saberes historicamente excluídos do campo do pensamento. Desse modo, favorece a construção de um espaço acadêmico mais inclusivo, pluridiverso, crítico e reflexivo, ampliando o arcabouço teórico em desenvolvimento acerca da

descolonização do saber e intervindo significativamente nos modos de pensar e conceber o mundo.

Buscou-se, como objetivo geral da pesquisa, desconstruir paradigmas epistemológicos excludentes por meio da análise e valorização de saberes e epistemologias anti-hegemônicas, contemplando a pluridiversidade de perspectivas e experiências de sujeitos e comunidades historicamente marginalizadas pela tradição eurocêntrica, a fim de ampliar a compreensão da realidade. A partir desse objetivo geral, delinearam-se outros, de caráter específico, tais como: identificar e analisar as lacunas epistemológicas e estruturais presentes no campo acadêmico, a fim de compreender as formas de violência epistêmica e social nelas contidas; examinar alguns saberes e epistemologias anti-hegemônicas, provenientes de diferentes campos de pensamento; promover o diálogo entre diferentes saberes e epistemologias, visando ampliar a compreensão do mundo e seus complexos, bem como favorecer a emergência de práticas acadêmicas mais pluridiversas e inclusivas e contribuir para a desconstrução de paradigmas epistemológicos excludentes, intervindo nos modos de pensar e conceber o mundo dentro do ambiente acadêmico.

## **Metodologia**

A pesquisa de iniciação científica foi realizada por meio de um estudo bibliográfico, de caráter qualitativo e exploratório, sobre os processos de colonização e descolonização em seus aspectos políticos, econômicos, culturais e estéticos, construindo um caminho possível na articulação das ideias. O projeto ocorreu de forma presencial, no Campus Avançado Rosário, com reuniões periódicas, destinadas à discussão dos textos dos autores citados, bem como ao aprimoramento da leitura, interpretação e compreensão dos textos e ao desenvolvimento da escrita das discentes envolvidas.

Os estudos tiveram início a partir da necessidade de compreender a questão colonial e suas manifestações contemporâneas. Para tanto, foram selecionados os trabalhos de Aimé Césaire (2010) “Discurso sobre o colonialismo”, e de Domenico Losurdo (2020) “Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução no século XXI”.

A obra de Aimé Césaire, “Discurso Sobre o Colonialismo”, aborda de forma ampla e direta os impactos da colonização, enfatizando as formas de exploração e violência de territórios e sujeitos. Domenico Losurdo (2020) se alinha à Césaire no que diz respeito a ideia de colonização, sobretudo no que tange à crítica das estruturas de poder que a sustentam e aos impactos humanos e sociais decorrentes desse fenômeno.

Em seguida, considerando a conexão entre passado, presente e possíveis futuros, os estudos avançaram com Frantz Fanon (2022), em os “Condenados da Terra”, na qual ele não apenas denuncia a violência da opressão colonizadora, mas também abre caminhos para um campo de ideias "contracolonizadoras" e para a luta revolucionária pela libertação e independência dos povos colonizados.

Seguindo a linha de construção das ideias anteriormente expostas, avançamos na análise de textos e ensaios de autores e autoras inseridos no campo dos estudos anti-hegemônicos, não com o objetivo de homogeneizar o pensamento, mas com a intenção de ampliar perspectivas, apresentando a pluralidade de visões de mundo contracolonizadas, bem como diferentes filosofias, existências e reexistências. Dessa maneira, foram trabalhados os textos de bell hooks (2017) “Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora”; Grada Kilomba (2019) “Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano”; Lélia Gonzalez (2020) “Por um feminismo afro-latino americano”; Ailton Krenak (2020) “A vida não é útil” e Antonio Bispo (2023) “A terra dá, a terra quer”. A escolha desses textos, autores e autoras teve em comum a importância de ampliar espaços e dar voz a pensadores e pensadoras historicamente invisibilizados por uma tradição eurocêntrica do pensamento. O intuito não foi tornar irrelevante o pensamento dessa tradição, mas possibilitar outras visões de mundo ao campo teórico-prático, considerando a totalidade da experiência vivida.

## **Resultados e Discussão**

Compreender o debate sobre a descolonização do saber, necessariamente, nos remete também ao entendimento de alguns aspectos da colonização no mundo. Até mesmo, devido ao processo colonizador ter formas mais sofisticadas de atuação no século XXI. É preciso apreender os meandros dessa teia violenta de desumanização. Dessa forma, pensando no problema da colonização, entende-se, para o estudo, como algo importante antes do contato com autores e autoras “marginalizados”, passar por alguns pontos acerca do problema. Assim, pensando a construção da base da pesquisa, foram escolhidos para o estudo os textos de Aimé Césaire (2010) “Discurso sobre o Colonialismo” e o de Domenico Losurdo (2020) “Colonialismo e luta anticolonial”.

Aimé Césaire (2010), em seu “Discurso sobre o Colonialismo”, implacavelmente tece suas reflexões denunciando a colonização como formas de exploração e violência de territórios e sujeitos, também subjugando e marginalizando saberes pertencentes a outras formas de conhecimento. Seu ensaio coincide com as “tensões acumuladas entre países

colonizados [com] importantes e vitoriosas lutas por libertação nacional” (RIBEIRO, 2010, p.10) desde o fim da segunda guerra mundial. Contudo, ressalta-se que o trabalho de Césaire dialoga com a “sofisticação” colonial contemporânea. O autor, em seu texto/denúncia apresenta elementos-chaves para pensar sobre os processos de opressão enraizados nos espaços e sujeitos colonizados, em seus aspectos culturais, políticos, econômicos e ideológicos. Dessa forma, permanece sendo um referencial importante a leitura de Aimé Césaire a compreensão do problema dos impactos da colonização de povos subjugados. Para o pensador martiniquense o processo de colonização é desumanizante, onde o colonizador habitua-se “a ver no outro a besta” (CÈSAIRE, 2010, p.29), não somente subjugando economicamente os povos colonizados, mas também desumanizando, despojando de sua identidade cultural e impondo uma visão de mundo eurocêntrica.

Domenico Losurdo (2020), ocupa também um lugar de relevância aos estudos acerca dos processos de coloniais e neocoloniais no século XXI. Embora o autor faça parte de um contexto histórico e enfoque teórico diferente de Aimé Césaire, o filósofo italiano se aproxima do martiniquense em algumas abordagens sobre a ideia de colonização, especialmente em relação à crítica das estruturas de poder que as sustentam e aos impactos humanos e sociais resultantes desse fenômeno. Ambos abordam o colonialismo como uma forma de dominação que visa não apenas à exploração econômica, mas também à imposição de uma ordem social e cultural que favorece aos interesses dos colonizadores (LOSURDO, 2020; CÈSAIRE, 2010).

Em um ‘tom’ de denúncia não diferente de Césaire (2010), Losurdo (2020) explora temas relacionados à dominação, opressão e colonialismo em seus trabalhos, enfatizando a importância em compreender o colonialismo como parte integrante ao capitalismo global, demonstrando o colonialismo não somente como uma empresa de exploração econômica, mas como também uma forma de instituir e manter certa hierarquia racial e étnica que serve aos interesses do capitalismo, expondo a relação entre o conjunto de ideias liberais e o colonialismo, o racismo e a escravidão.

Frantz Fanon (2022), com caminhos semelhantes em sua crítica ao processo de colonização, aborda também a desumanização dos colonizados pelos colonizadores e a necessidade de uma revolução violenta para alcançar a libertação, oferecendo caminhos teóricos/práticos às lutas emancipatórias, abrindo uma esteira importante ao enfrentamento da violência colonizadora. Fanon, mesmo estando diretamente ligado a luta pela independência da Argélia, estende sua militância política a outras lutas anti-

imperialista de povos africanos e colonizados de outros continentes. Para o autor, “quem fez e continua a fazer o colonizado” é o colono (FANON, 2022, p.32).

Para Fanon (2022) o mundo colonizado é forjado em um processo violento desde seu princípio, os colonizadores impõem sua dominação sobre os colonizados por meio de coerção e o uso de força militares/policialescas. Uma violência que não se restringe apenas a esfera física, estendendo-se as formas de explorações econômicas, culturais, psíquicas e ideológicas e subjugação política dos povos colonizados. Dessa forma, a “reação violenta” (FANON, 2022, p. 34) é algo inerente ao processo de descolonização, pois o “mundo colonizado é um mundo dividido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia” (FANON, 2022, p. 34). Entre essas “linhas fronteiriças” estão as zonas habitadas pelos colonos de um lado e as habitadas pelos colonizados do outro. A primeira, se trata de uma cidade asfaltada, iluminada, com acesso a serviços públicos essenciais, e a segunda, é tratada como “lugar mal-afamado povoada de homens mal-afamados” (FANON, 2022, p. 35). Colonizados desumanizados pelos colonizadores. Portanto, a única forma de desafiar esse processo violento da colonização é a resistência violenta para reexistir, de acordo com o autor.

Como se percebe, Frantz Fanon (2022) vai além da mera análise acerca da condição do oprimido, oferece reflexões importantes para pensar/intervir com caminhos emancipatórios as lutas contra opressão, indicando a necessidade de resistir e reexistir, tornando-se referência a discussões e práticas políticas descolonizadoras, em que o engajamento teórico se alinha necessariamente ao político, influenciando gerações posteriores a construção de espaços de lutas contemporâneas.

bell hooks (2017), outra pensadora que tem se tornado referência aos debates acerca dos processos de descolonização, embora com algumas perspectivas e abordagens distintas de Fanon, compartilha o compromisso com as lutas por libertação, por resistência e reexistência dos oprimidos. Ambos convergem enfaticamente sobre as consequências desumanizadoras dos sistemas coloniais, explorando e oprimindo povos e sujeitos subjugados, perpetuando a violência e as desiguais relações de poder, marcadas pela colonização. Contudo, ressalta-se que hooks acredita em uma certa “transgressão pacífica” nos processos de descolonização, destacando a necessidade fundamental do diálogo e da transformação das relações sociais por meio do processo educacional e do ativismo, considerando os aspectos de raça, classe e gênero, principalmente, a mulher negra. De acordo com a autora, “apesar das [suas] experiências intensamente negativas

[formou-se] na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta a capacidade de ser livres” (hooks, 2017, p. 13).

Na esteira de Fanon (2022) e bell hooks, Grada Kilomba (2019) segue denunciando as estruturas coloniais presentes nas sociedades contemporâneas, principalmente no contexto de violência racial e nas relações hierárquicas de poder, narrativas e práticas coloniais que continuam a moldar o mundo em seus contornos violentos. De acordo com a autora é necessário enfrentar as formas neo/coloniais dando voz as experiências marginalizadas, recontar a história de resistência e reexistências dos sujeitos e povos subjugados. Contudo, para a filósofa/artista desafiar/enfrentar a opressão necessita reconhecer a intersecção entre as formas de opressão, tais como, raça, gênero, classe e sexualidade. Descolonizar precisa de resistência política, de transformação econômica, mudar radicalmente as estruturas de poder e nas relações sociais colonizadas.

Outra autora importante, ao discorrer sobre a questão da descolonização, embora seus trabalhos não estejam relacionados especificamente ao tema, trata-se da filósofa brasileira Lélia Gonzalez (2020). Talvez, não seja presunção dizer que em suas reflexões já se encontram a própria descolonização dos saberes. Suas análises contribuem significativamente à busca por saberes emancipados, descolonizados, libertos das estruturais coloniais opressivas, ou como usando a ideia de Antonio Bispo (2023), saberes “contracolonizados”. Seu ensaio “Por um feminismo afro-latino-americano”, por exemplo, demonstra um pouco desse caráter emancipatório de suas ideias, em que provoca sobre a necessidade de re/pensar os movimentos feministas e a ortodoxia eurocêntrica predominante, des/invisibilizando a mulher negra, afrodescendente, latino-americana e indígena, dentre outras. Para a autora, o movimento feminista foi fundamental para as lutas contra as formas de opressões contra as mulheres e outros grupos histórico-socialmente marginalizados. Contudo a questão racial [e outras], por exemplo, de acordo com Lélia Gonzalez, ficou esquecida (2020).

Nas palavras da filósofa

Isso ocorre porque tanto o racismo como o feminismo partem das diferenças biológicas para estabelecerem-se como ideologias de dominação. Cabe, então, a pergunta: como se explica esse ‘esquecimento’ por parte do feminismo? A resposta [na opinião da autora] está no que alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos nós, se encontram em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista da realidade (GONZALEZ, 2020, p. 41).

As reflexões de Lélia Gonzalez (2020) presentes no seu ensaio demonstra a dificuldade de se romper com as estruturais coloniais dominantes, algo, enraizado, até mesmo nos espaços “progressistas” que se posicionam em defesa da igualdade substantiva. A autora nos provoca a uma nova forma de pensar, de se reorganizar no campo de ideias e da luta, de resistir e reexistir. Como se pode notar, o pensamento/prática política descolonizados.

Ailton Krenak (2020), não diferente de Lélia González, é um desses autores com reflexões próprias, carregadas de potência transformadora, descolonizadas da opressão-mundo. Lança seu coquetel/vida e retira as pessoas de sua passividade/mundo. O autor compartilha de ideias/práticas descolonizadoras, discutindo sobre a urgência de formas alternativas de conceber e viver em sociedade. Em seu livro “A vida não é útil” (2020) e “1001 ideias para adiar o fim do mundo” (2019), Krenak questiona os valores e ideias hegemônicas presentes na sociedade moderna, onde a natureza e pessoas são colocadas com mero recurso utilitário em prol de um discurso econômico rendido ao mercado capitalista. Para o filósofo é preciso rever o sentido de humanidade/desumanizante posto historicamente. Ou como o próprio autor diz: “clube exclusivo de humanidade” (KRENAK, 2020, p. 10).

Nas palavras de Ailton Krenak

É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade. Não são só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda a vida que deliberadamente largamos a margem do caminho. E o caminho é o progresso: essa ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar. Há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade – alguns de nós fazemos parte dela (KRENAK, 2020, p. 10).

No livro a “A terra dar, a terra quer” (2023) de Antonio Bispo dos Santos, semelhante a Krenak, oferece também reflexões profundas sobre como vivemos e da necessidade de construir um novo mundo, descolonizado, antes que seja o fim do atual. Onde a “confluência seja a força que rende, que aumenta, que amplia” (BISPO, 2023, p. 15). Como Bispo chama, uma palavra “germinante”. De acordo com o autor é necessário quebrar as estruturas coloniais, “contracolonizar”. Para o pensador quilombola, a terra não é um objeto a ser explorado, dominado, devastado, estranho ao homem. Mas, um sujeito vivo, íntimo do homem, exigente de respeito, cuidado e reciprocidade. É preciso de um novo mundo, contracolonizado.

## **Conclusão**

Com a execução da pesquisa, constatamos, de maneira aprofundada, que as lacunas epistemológicas e estruturais presentes na sociedade são gradualmente atenuadas por meio das reflexões suscitadas pelas autoras e pelos autores estudados. Os questionamentos acerca das formas de violência epistêmica foram/são respondidos e, por conseguinte, amplia-se a transformação da percepção de mundo.

Ao realizarmos uma análise sobre a importância de saberes e epistemologias anti-hegemônicas, percebemos que suas contribuições são significativas para a construção de uma compreensão mais inclusiva e diversificada do mundo. Elas promovem o diálogo intercultural e interepistemológico, evidenciam a invisibilidade imposta pela tradição eurocêntrica, que marginaliza perspectivas e saberes não hegemônicos, e apontam caminhos de “contracolonização” do conhecimento. Dessa forma, contribuem para a promoção da justiça epistêmica e social, tornando o espaço acadêmico mais inclusivo, crítico e reflexivo.

Portanto, observa-se que a pesquisa de iniciação científica contribui significativamente para a construção de um campo acadêmico mais pluridiverso e democrático, no qual múltiplas vozes e perspectivas são reconhecidas como formas relevantes de experiência e saberes fundamentais para a apreensão e compreensão da realidade.

## **Referências**

- BENJAMIN, Walter. **O anjo da História**. Trad. João Barreto. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- CÉSAIRE. A. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2010.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Trad. Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino americano**. [Org.] HOLLANDA, H. B. et al. In: *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir. A educação como prática libertadora**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.
- \_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2019.
- LOSURDO, D. **Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução no século XXI**. Trad. Diego Silveira et al. São Paulo: Boitempo, 2020.
- RIBEIRO, C. A. [apresentação]. In: CÉSAIRE. A. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2010.
- SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ PISEGRAMA, 2023.
- SANTOS, B. S. **Descolonizar: abrindo a história do presente**. Trad. Luis Reyes Gil. Belo Horizonte: Autêntica editora; São Paulo: Boitempo, 2022.